

## Escolhas de tradutores: domesticação e estrangeirização – categorizações iniciais

Carmem Praxedes  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
clpraxedes@gmail.com

Lethícia Gonçalves  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
lethicia-gtins@hotmail.com

**RESUMO:** O artigo apresenta a primeira parte da análise de um corpus composto por oito traduções do primeiro capítulo do livro *Tradurre la tradizione Sardegna: su ballu, i corpi, la cultura*, de Franciscu Sedda. O objetivo da análise foi identificar as categorias lexicais que podem ser interpretadas como relacionadas, ou não, ao contexto histórico e cultural em que se situam originalmente, ou seja, aquelas que são capazes de apresentar diferentes significações em uma mesma situação discursiva. As categorias lexicais são as partes do discurso e seus membros são as diferentes palavras (TRASK, 2011, p. 53). Tomando como referência os conceitos de domesticação e estrangeirização, revalidados por Venuti (1999), por meio de um processo de amostragem prévio à análise, identificamos as escolhas de um grupo de estudantes tradutores. A partir desses resultados e com base em autores como Barbosa (2000), Pais (2004), Lotman (1996), entre outros, na segunda parte da pesquisa analisaremos tanto os limites conceituais e semasiológicos diagnosticados, quanto suas possíveis interferências e implicações culturais.

**Palavras-chave:** Tradução. Léxico. Cultura. Franciscu Sedda. Sardenha.

**ABSTRACT:** L'articolo in discussione si riferisce alla parte iniziale dell'analisi di un corpus composto da otto traduzioni del primo capitolo del libro *Tradurre la tradizione Sardegna: su ballu, i corpi, la cultura*, di Franciscu Sedda. L'obiettivo dell'analisi è quello di individuare le categorie lessicali che possono essere interpretate in connessione o disconnessione dal contesto storico-culturale in cui in principio sono inserite, vale a dire quelle categorie capaci di presentare significati diversi nella stessa situazione discorsiva.

Le categorie lessicali sono le parti del discorso e i loro membri sono le diverse parole (TRASK, 2011, p. 53). Alla luce dei concetti di domesticazione e straniamento, elaborati da Venuti (1999), attraverso un campionamento che prelude all'analisi, abbiamo individuato le scelte degli studenti-traduttori. A partire da qui, nella seconda parte della ricerca, alla luce di Barbosa (2000), Pais

(2004), Lotman (1996) ed altri, analizzeremo i limiti concettuali e semasiologici diagnosticati, così come le loro possibili interferenze e implicazioni culturali.

**Parole chiave:** Traduzione. Lessico. Cultura. Franciscu Sedda. Sardegna.

**ABSTRACT:** The article presents the first part of the analysis of a corpus made up of eight translations of the first chapter of the book, *Tradurre la tradizione*. Sardegna: *su ballu, i corpi, la cultura*, by Franciscu Sedda. The goal of the analysis was to identify the lexical categories which may be interpreted as related or unrelated to the historical and cultural context in which they are originally located, that is, those who are able to present different meanings of the same discursive situation. Lexical categories are the parts of speech and their members are the different words (TRASK, 2011, p. 53). Taking as a reference the concepts of domestication and foreignization, elaborated by Venuti (1999), through a process of sampling prior to the analysis, we have identified the choices of a group of students translators. Starting from these results and based on authors like Barbosa (2000), Pais (2004), Lotman (1996), among others, in the second part of the research we analyze both the conceptual and semasiological limits diagnosticated, as well as their interferences and cultural implications.

**Keywords:** Translation. Lexical. Culture. Franciscu Sedda. Sardinia

## Introdução

Muito nos instiga o percurso do ato tradutório; os caminhos que são traçados pelos tradutores e quando eles se inter cruzam, de modo a definir as escolhas na tradução, a seleção léxica e os implicadores culturais. Cabe ao tradutor, como sujeito do fazer no processo de tradução, organizar e selecionar os componentes significativos do original, para que eles alcancem a língua-alvo, de tal forma que possam ser entendidos claramente pelos leitores. Por isso, compreendemos tal ofício como sendo uma tarefa árdua que necessita de muita dedicação e serenidade, bons dicionários, inclusive os terminológicos, conhecimentos de culturas, capacidade e condições de pesquisa. Línguas não são etiquetas (HJELMSLEV, 2009) e as culturas nelas inerentes fazem delas uma singularidade plural.

O presente trabalho vincula-se ao projeto Traduções imperfeitas, *ma non troppo*. No âmbito desse artigo, relataremos a sua primeira parte, a de organização dos dados. O nosso *corpus* é composto por oito traduções, todas elas do 1º capítulo do livro *Tradurre la tradizione - Sardegna: su ballu, i corpi, la cultura*, de Franciscu Sedda realizadas por estudantes da Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua Italiana – Tradução.

A obra *Tradurre la tradizione - Sardegna: su ballu, i corpi, la cultura* (SEDDA, 2003)<sup>1</sup> – conforme o exposto pelo autor na introdução do livro tem como objeto

a memória cultural em processo de transformação e mudança, ou seja, um conjunto de práticas e de discursos que adquirem forma em um determinado espaço cultural e que contribuem para legitimizar e caracterizar a sua existência. (Tradução nossa)<sup>2</sup>

No livro “o ‘espaço’ caracterizado é a Sardenha, ou, mais precisamente, a cultura Sarda, seguida nas suas transformações através da lente de uma específica prática narrativa: a dança” (SEDDA, 2003, p.07 – Tradução nossa).<sup>3</sup> A ideia do autor foi a de seguir os percursos da memória através de um objeto cultural de grande importância na vida dos sardos; um objeto, a dança sarda, ligada fortemente à dimensão festiva e ao imaginário coletivo e, por isso, capaz de ser parte central no jogo da construção da identidade coletiva e suas definições. Segundo o autor (id op. cit.), o trabalho que deu origem ao livro é, antes de tudo, um estudo em Semiótica das Culturas<sup>4</sup>, que foi dedicado a reconstruir os modelos em que as culturas se construíram e, através dos quais se auto-redefiniriam.

---

<sup>1</sup> SEDDA, Franciscu. *Tradurre la Tradizione* – Sardegna: su ballu, i corpi la cultura. Roma: Meltemi, 2003.

<sup>2</sup> “ (...) la memoria culturale nel suo divenire. Vale a dire un insieme di pratiche e di discorsi che prendono forma in un determinato spazio culturale e che contribuiscono a sancirne e caratterizzarne l'esistenza.” (SEDDA, 2003, p.07)

<sup>3</sup> “lo ‘spazio’ in questione è la Sardegna, o meglio, la cultura sarda, seguita nelle sue trasformazioni tramite la lente di una specifica pratica-narrazione: su ballu.” (SEDDA, 2003, p.07)

<sup>4</sup> Em português do Brasil, leia-se sobre o assunto MACHADO (2003). Em italiano, leia-se LOTMAN (1980).

A pesquisa que deu origem ao livro partiu da observação da seguinte questão: O estudo da autoconsciência das culturas possui, de maneira geral, como objeto de referência, as narrações históricas em que uma cultura se dá. Cômico desse percurso, o autor deu início ao seu projeto com a intenção de comparar este plano de construção da identidade, esta escritura, habitualmente considerada privilegiada, com as formas de narração oral, para observar as diferenças potenciais ou as similaridades eventuais.

Franciscu Sedda, em *Tradurre la tradizione*, procurou reconsiderar a complexidade da narrativa oral que escolheu como ponto de referência; complexidade não somente interna sobre a dança, mas também externa. Enfim, debruçou-se sobre uma semiótica sincrética, cuja atenção direcionou-se sobre os aspectos históricos e culturais da Sardenha do Século XIX. Utilizando principalmente os instrumentos da Semiótica<sup>5</sup>, buscou refazer o percurso labiríntico desta tradução intercultural, ou seja, a Sardenha de ontem e de hoje.

Ferramenta para várias mãos, é a Semiótica o instrumento de revelação de vários universos discursivos, das semióticas verbais, não-verbais e sincréticas (complexas). E é neste último grupo que o livro *Tradurre la Tradizione – Sardegna: su ballu, i corpi la cultura*, de Franciscu Sedda, se situa, o que de per si nos aponta a importância de oferecer aos especialistas e estudantes brasileiros mais uma possibilidade analítica de base Semiótica, que recebeu de Umberto Eco o prêmio “Sandra Cavicchioli” como melhor monografia de Semiótica no biênio 2000-2001.

## 1. Base teórica

### 1.1 A Semiótica

---

<sup>5</sup> Em especial a semiótica europeia e a semiótica das culturas, que têm como expoentes Greimas e Lotman, respectivamente. Para uma introdução ao assunto, recomendamos a leitura de Greimas (1976b e 1983) e Lotman (1973).

Cumpramos lembrar que os estudos semióticos possuem diversas oposições epistemológicas e relações multidisciplinares, por isso, cabe aqui delimitarmos que partimos dos estudos semióticos realizados por Greimas e Hjelmslev, especialmente quando o primeiro abraçou o pós-estruturalismo<sup>6</sup> e, com isso, optou pelos momentos de ruptura e mudança que são eminentemente dinâmicos e o segundo concebeu a língua como um sistema semiótico.<sup>7</sup> Essa semiótica, conhecida como europeia,

[é] uma das ciências humanas e sociais, define-se, preliminarmente, como a ciência da significação. Propõe-se a estudar os processos semióticos, ou seja, os sistemas de significação e os seus discursos (microsemióticas), dialeticamente articulados, enquanto processos de produção de significação – entendida como relação de dependência entre o plano do conteúdo e o plano da expressão -, de produção de informação – recortes culturais -, de produção e sustentação de ideologia – sistema de valores -, examina sua estrutura e funcionamento, no seio da vida social, como mecanismos dotados de auto-alimentação e auto-regulação, sua mudança no eixo da história, suas relações com a cultura e a sociedade. (PAIS, 1982)

A semiótica se subdivide em ramos, tais como sociosemiótica, psicosemiótica e a semiótica das culturas. É nesse último que nos concentramos.

## 1.2 A Semiótica das Culturas

Voltada para os processos de produção de sentidos, a semiótica, a partir de suas relações culturais, a Semiótica das culturas possui relação direta com o fazer tradutório, no sentido de que esse necessita transformar signos em signos num processo continuado de transcodificação de textos, através da reorganização estrutural de mundos diversos. Com isso, entendemos que para uma língua A ser traduzida para uma língua B o tradutor precisa saber transitar entre esses (pelo menos) dois mundos possíveis. Esse trânsito do tradutor de uma língua

---

<sup>6</sup> Leia-se Pais (2012).

<sup>7</sup> Leia-se Pais (1980).

para outra implica em processos semióticos de codificação e transcodificação que são realizados em percursos e níveis como o conceptual e o semasiológico, sendo os dois ancorados nos sistemas modelizantes de primeiro e segundo grau.<sup>8</sup>

A Semiótica das Culturas Lotmaniana parte do princípio de que a cultura possui mecanismos semióticos que lhes são inerentes (MACHADO, 2003, p. 38), *dá ênfase à concepção do texto como unidade básica da cultura, e não do sistema linguístico. Nesse sentido, uma dança, uma cerimônia, uma obra de arte e muitos outros produtos e manifestações culturais são considerados textos.* (MACHADO, 2003, p.54). Ela pelo seu alcance interessa à tradução, visto que o tradutor realiza a sua prática em tecidos culturais chamados textos.

## 2. O percurso da pesquisa

O Curso de Especialização *Lato Sensu* em Língua Italiana – Tradução recebe anualmente pessoas interessadas em estudar a língua *del bel paese*, oriundas de várias universidades, visto que o seu edital de seleção, até então, é aberto aos egressos dos cursos de Letras e afins. Permite-se tal variedade por se entender que há profissionais oriundos de carreiras diversas que podem, por vários motivos, ter desenvolvido competências bastante aprofundadas e possibilitadoras de estudos em Língua Italiana, principalmente se orientados por professores e pesquisadores em Italianística, como é o caso do corpo docente do referido curso.

No ano de 2019, esse curso teve doze inscritos e, com as desistências que costumam ocorrer, chegaram ao final do curso oito estudantes. Todos eles estavam cientes, desde o início do ano, de que o trabalho a ser apresentado às disciplinas Teoria da tradução I e II seria uma tradução.

---

<sup>8</sup> Aqui seria interessante refletir sobre a diferença substancial existente entre ancorado e dependente, se levamos em conta que o percurso conceptual é pré-linguístico.

Cabe dizer que a pesquisa que desenvolvemos é predominantemente exploratória<sup>9</sup>, pois procuramos desvendar e compreender as semelhanças e as divergências encontradas em cada texto traduzido, para organizar a tabela de pontos nodais (PRAXEDES, 2020).

O corpus da pesquisa contou com oito traduções, separadas e nomeadas aleatoriamente T1, T2, T3, T4, T5, T6, T7 e T8, de modo a manter o sigilo das identidades dos tradutores. Nessas traduções foram selecionadas categorias, termo aqui compreendido como os conceitos fundamentais de qualquer gramática ou de qualquer teoria semiótica (GREIMAS & COURTÉS, 1979, p. 43). Um exemplo bastante pertinente de categoria é o da categoria dêitica, conforme o apontado em Trask (2011, p. 55)

O texto estudado trata do *ballu sardu*, modelo artístico e singular da cultura da Sardenha; é notável o apelo pela permanência desse sintagma, cuja articulação entre o plano da expressão e do conteúdo<sup>10</sup> agrega-se de maneira a constituir todo um povo. Identificamos as categorias lexicais pertinentes, isto é, aquelas capazes de apresentar significações diversas em uma mesma situação discursiva. Posteriormente analisamos, por amostragem, as escolhas dos estudantes-tradutores, tendo em vista os conceitos de domesticação e estrangeirização, conforme revalidados por Venuti (1999). Segundo esse autor:

(...) *domestication* (“domesticação”) e *foreignization* (“estrangeirização”), o primeiro considerando que a tradução assimile um texto estrangeiro à língua e à cultura em que vem traduzida e o segundo considerando que ela

---

<sup>9</sup> Para Gil (1987) a pesquisa exploratória tem a finalidade de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias. De acordo com Boente e Braga (2004) a pesquisa exploratória “é toda pesquisa que busca explorar, investigar um fato, fenômeno ou novo conhecimento sobre o qual ainda se tem pouca informação.” (BOENTE; BRAGA, 2004, p.10).

<sup>10</sup> Uma língua natural (e em geral qualquer sistema semiótico) é composto por um plano da expressão (para uma língua natural diríamos por um léxico, uma fonologia e uma sintaxe), e por um plano do conteúdo, que representa o universo dos conceitos que podemos exprimir. Cada um desses planos é composto de forma e substância e ambos resultam da organização de uma matéria ou de um *continuum*. (ECO: 2001, p.40)

sinalize muito mais as diferenças desse mesmo texto. (VENUTI, 1999, p. I, II – prefácio, tradução nossa do italiano)<sup>11</sup>

Para explicarmos a importância das práticas de domesticação e estrangeirização nos processos tradutórios, é relevante destacar o que Eco (2015, p. 177) comenta sobre o assunto. (...) *os casos de domesticação são indispensáveis, até mesmo porque se deve tornar o texto consono ao gênio da língua de destinação*<sup>12</sup> (tradução nossa). Domesticar é, então, lançar mãos das possibilidades de conduzir um texto de partida às sendas culturais de uma língua de chegada. E isso pressupõe a grande capacidade do tradutor de pensar em línguas diversas. Considerando que muitos tradutores possuem diferenças significativas de vivência – formal e informal – nas línguas que traduz, entendemos que a situação ideal para o tradutor se apropriar do gênio de duas línguas é aquela bilíngue em circunstâncias aquisicionais, o que nem sempre é possível de ser vivenciado presencialmente. Por outro lado, a democratização da internet pode estar mudando essa situação.

Domesticar e/ou estrangeirizar leva em conta um processo de negociação constante do tradutor com o texto nos planos da expressão e conteúdo por meio dos quais as línguas se materializam. Sendo assim, entendemos que a nossa opção de desenvolver essa primeira parte da pesquisa à luz dos dois conceitos domesticação e/ou estrangeirização não se limita a uma abordagem dicotômica<sup>13</sup>, mas na constatação no corpus em estudo da realização dessas práticas, singular ou conjuntamente ou ainda em uma terceira via, pelos tradutores do texto em estudo.

---

<sup>11</sup> (...) *domestication* (“adomesticamento”) e *foreignization* (“estranhamento”), a quanto la traduzione assimili un testo straniero alla cultura in cui viene tradotto e a quanto la traduzione segnali piuttosto le differenze di quello stesso testo. (VENUTI, 1999, p. I – II – prefazione).

<sup>12</sup> (...) i casi di addomesticamento sono indispensabili, proprio perché si deve rendere il testo consono al genio della lingua di destinazione. (ECO, 2015, p.177-8)

<sup>13</sup> Leia-se sobre o assunto Francisco (2014).

### 3 Resultados

O primeiro texto trabalhado foi o T1; observamos que o tradutor se inclinou para a domesticação, optando em marcar o sentido mais familiar ao texto de chegada, traduzindo *il ballo* pelo sintagma *a dança*, por exemplo. Observamos ainda a tendência de trazer para o texto escrito as marcas encontradas na fala do dia a dia do Português do Brasil, mais especificamente a do falar carioca e fluminense, no que se refere ao uso pronominal, o que entendemos como uma possível tensão entre duas línguas muito próximas, como é o caso de *ci si acende*, que foi traduzido por *nos ligamos*. No T2 observamos que o tradutor seguiu a mesma linha do autor de T1, ao traduzir *ballo* como referente à palavra *dança*, permitindo ao leitor a mesma experiência sensorial provocada pelo sintagma *ballo*, ou seja, ao optar pelo sintagma *dança* ao invés de *ballo*, o autor de T2 assumiu que não haveria risco de imprecisão com a escolha. Percebemos também perdas semânticas ao utilizar os pronomes sem que tivesse ocorrido uma lacuna, como na ocorrência *ci si lascia*, traduzido como *nos deixamos*. Constatamos que o T3 analisou que não haveria impasse ao acolher o termo *ballo* em seu texto de chegada, ficando compreensível aquilo a que se quer remeter, ou seja, ao escolher usar *ballo* ele entende que o leitor brasileiro compreenderia bem seu significado, visto que em nossa língua materna existe palavra análoga: *baile*; sobre isso, ainda notamos que o tradutor fez referência no ato tradutório de seguir quando expresso o sentido de ação de movimento – *del ballare* com o *de bailar* (processo de domesticação), caso que não se repetiu quando na língua de partida referiu-se a um substantivo. Ao invés de substantivar também na língua de chegada, o autor de T3 prefere adotar o procedimento de estrangeirização e permanecer com a forma de origem; devemos sinalizar que o tradutor já assinalou o uso dos pronomes italianos ao passar para o texto de chegada, ou seja, a fala não interferiu tanto nesse texto. O T4 mesclou os procedimentos, ao optar, por vezes, por estrangeirizar seu

texto, permitindo a grafia *ballo* com *ll* e *transmuta*, adomesticando, quando indica uma ação transformando em um verbo, neste texto percebemos o indício da tentativa de marcar o pronome “ne” e “lo” de forma mais recorrente. Em T5, podemos observar que o tradutor faz uso das mesmas técnicas que vinham sendo percebidas em T2, T3 e T4 em relação ao uso discriminável, ou não, de uma representatividade cultural de uma sociedade; o que implica na adoção do termo como ele é está no original ou *transmutá-lo* para uma realidade próxima da língua de chegada. Nos textos do T6, T7 e T8 obtivemos os resultados já observados nos tradutores anteriores, o que nos fez enxergar o engendramento, aqui entendido como modo de produção, do processo de significação como cerne para a discussão do prognóstico para as lacunas deixadas pelos tradutores. É certo que o problema não está somente em uma espécie de relaxamento em relação a um texto em idioma similar à língua materna; , porém, está claro que devemos estar atentos às armadilhas que línguas coirmãs podem gerar.

No estudo da tradução existe uma discussão sobre se as propriedades evidenciadas por um dado sintagma, palavra ou vocábulo são fundamentais, detectáveis ou acidentais (Apud ECO, 2003, p.139 cfr., por ex., Violi, 1997) Tais distinções são conceptualmente interpretativas, ou seja, necessitam do contexto em que ocorrem para ser compreendidas. Essas propriedades, a depender do tradutor, podem desempenhar papel adverso, isto é, o vocábulo que é essencial passa-se a ser visto como acidental. Negociar o conteúdo nuclear de um vocábulo significa optar quais propriedades devem ser consideradas contextualmente acidentais e podem, por assim dizer, ser anestesiadas. (Eco: 2007, p. 153). Em nossa análise, encontramos o sintagma *dall'organetto diatonico*, a propriedade um instrumento musical. Buscamos, a princípio, compreender como cada tradutor se comportou em relação a essa negociação no tocante à referência - entendida como ato linguístico mediante o qual aceita-se como reconhecível o significado dos termos usados (Eco, 1997, § 5) e seu sentido

profundo; notamos que os T2,T3,T4,T5,T6 e T8 incorreram no que chamamos “violiar a referência”, ao traduzir o instrumento de maneira diversa daquela proposta pelo texto original, criando de forma involuntária cenas diversas ou diferentes mundos possíveis, nos quais a propriedade (o instrumento musical) é diferente, desvio não existente no texto do T1 e T7.

### 3.1 Pontos nodais

É necessário definir aquilo que chamamos de pontos nodais. Compreendemos que são termos, palavras ou vocábulos que apresentam grau de dificuldade ou risco de imprecisão conceito-semântico-cultural na tradução (PRAXEDES, 2020). Sabemos que o ato tradutório é árduo, requer muito mais do que idas a bons dicionários; por isso é inevitável para a construção de uma boa tradução a presença da maior quantidade possível de componentes significativos da língua de partida durante a elaboração do texto na língua de chegada - evitar perdas de significação é a chave. Tal processo pode acarretar uma espécie de “nó” interpretativo na consciência linguístico-semiótica do tradutor e, em consequência disso, verificamos uma carência na busca de nomear. Partimos então para a tentativa de padronização do termo, uma vez que esse desconforto é real na medida em que este se esforça para entregar algo o mais próximo possível da ideia do original na língua alvo. Vejamos os quadros 1 e 2.

Quadro 1 (Praxedes & Gonçalves)

T1 - LC	T2 - LC	T3 - LC	T4 - LC
Su ballu	Su ballu	Su ballu	Su ballu
a dança sarda	a dança sarda	o ballo Sardo	o ballo Sardo
sobre a dança	a própria dança	do próprio ballo	do próprio ballo
nos ligamos	colocamos para tocar	nos ligamos	levar
nos deixamos	nos deixamos	nos deixamos	nos deixamos
a sentimos	as experimentamos/ parecem-nos	as sentimos/ se sente	as sentimos/ se sente
dançar	dança	bailar	bailar
a dança	a dança	o ballo	o ballo
sobre a dança	o próprio dançar	do mesmo dançar	do mesmo dançar
da dança	do baile	do ballo	do mesmo dançar
da dança sarda	da dança da Sardenha	do ballo sardo	do ballo sardo
su ballu tundu	su ballu tundu	su ballu tundu	su ballu tundu
às danças	aos bailes	aos balli	aos balli
danças	danças	balli	balli
da dança em círculo	da dança circular	do ballo tondo	do ballo tondo
a dança em círculo	a dança circular	o ballo tondo	o ballo tondo
ballo tondo/dança em círculo	dança circular	ballo tondo	ballo tondo
pensemos	consideremos	pense	pense
à dança	a dança	o ballo	o ballo
se considerarmos	se considerarmos	considerando	considerando
na dança	na dança	no ballo	no ballo
sobre a dança	sobre a dança	sobre o ballo	sobre o ballo
que dança	que dança	que baila	que baila
o que é sempre mais significativo	algo gradualmente mais significativo	o que gradualmente se tomou mais significativo	o que gradualmente se tomou mais significativo
se se prefere	se você preferir	se preferir	se preferir

T5 - LC	T6 - LC	T7 - LC	T8 - LC
Su ballu	Su Ballu	Su Ballu	Su ballu
o ballo sardo	a dança sarda	a dança sarda	a dança sarda
sobre o próprio ballo	sobre a própria dança	sobre a própria dança	da própria dança
se inflama	se entusiasma	se inflama	se se deixa tocar
se deixa	deixa-se	se deixa levar	arrastar
sente-a	se sente/a sente	senti-la/ sente-se-a	a sente/ ela é sentida
bailar	dançar	dançar	à dança
o ballo	a dança	a dança	a dança
do próprio bailar	da própria dança	do próprio dançar	do próprio dançar
do ballo	da dança	da dança	da dança
do ballo sardo	da dança sarda	da dança sarda	da dança da sarda
su ballu tundu	su ballu tundu	su ballu tundu	su ballu tundu
aos ballos/nos balli	às danças	às danças	às danças
baila/balli	danças	danças	dançando
do ballo tondo	da dança circular	dança em círculo	da dança tondo
o ballo tondo	a dança circular	a dança em círculo	a dança redonda
ballo tondo	dança circular	dança em círculo	dança em círculos
pense-se	se pensa	pensa-se	pensemos
do ballo/ ao ballo/ no ballo	da dança/ na dança	à dança	à dança
se considerar-se	se considerarmos	se se considera	se se considera
no ballo	na dança/pela dança	à dança	na dança
sobre o ballo	sobre a dança	sobre a dança	sobre a dança
que baila	que dança	que dança	que dança
cada vez mais significativa	coisa cada vez mais significativa	isso se tomava mais significativo	fato tanto mais significativo
se preferir	se prefere	se é de preferência	se se preferir
recordar de considerar a ideologia relativa à língua	recordar-nos de entender a ideologia relativa à língua	compreendemos a sua linguagem	compreendemos a sua linguagem e os seus valores
poder-se-ia	poderia nos	poder-se-ia	que se poderia
o que	o que	o que	o que
pelo realejo diatônico	pelo realejo	pela gaita de botão	pelo órgão diatônico

Quadro 2 (Praxedes &amp; Gonçalves)

Lemos as traduções cuidadosamente em busca dos termos que gerassem escolhas diversas pelos tradutores. Marcamos as recorrências e as nomeamos em seções como: pontos nodais, relação morfossintática, relação semântica, relação sintático-semântica, ingenuidade/limitação do tradutor e violar a referência.

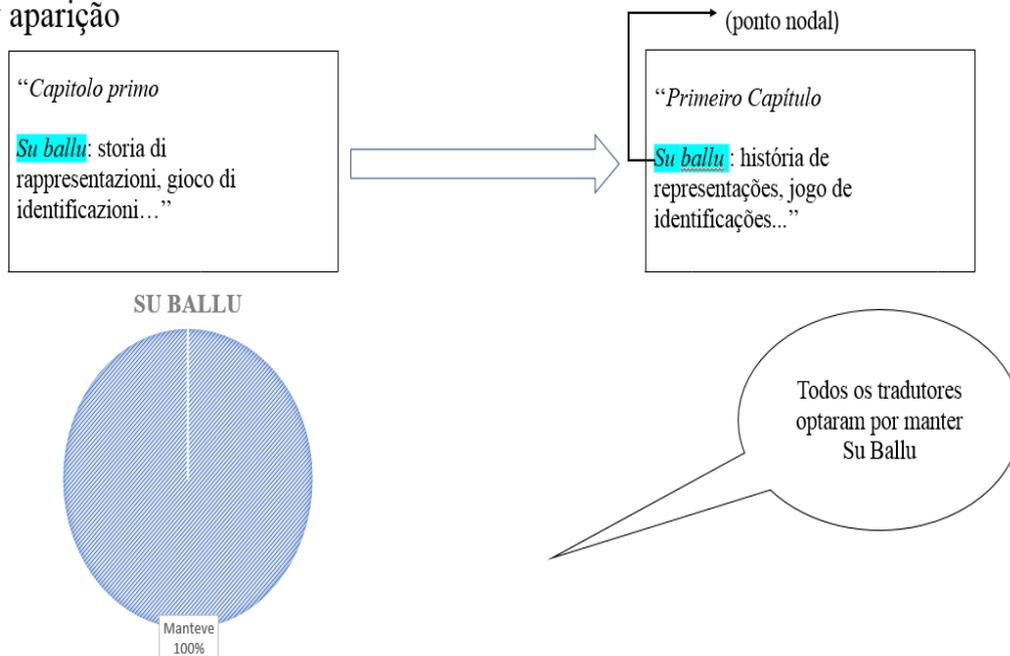
### Considerações finais

Ainda sobre a escolha dos tradutores em relação a manter o *Su Ballu* podemos entender pela afirmação de Umberto Eco em seu livro *Quase a mesma coisa*:

(...) o conceito de fidelidade tem a ver com a persuasão de que a tradução é uma das formas da interpretação e que deve sempre visar, embora partindo da sensibilidade e da cultura do leitor, reencontrar não digo a intenção do autor, mas a intenção do texto, aquilo que o texto diz ou sugere em relação à língua em que é expresso e ao contexto cultural em que nasceu. (p. 17)

Gráfico 1

1ª aparição



Praxedes & Gonçalves

É pertinente marcar que identificamos no uso *ballo/dança* um caso de fronteira que define a relação entre aquilo que está dentro e aquilo que está fora do espaço semiótico, cuja noção básica procede da matemática, mais precisamente da noção de conjunto de pontos, que funcionam como tradutores (filtros) graças ao qual se mantêm os contatos com os espaços não-semióticos, permitindo a penetração do externo no interno, filtrando e adaptando (LOTMAN, 1996, p. 12).

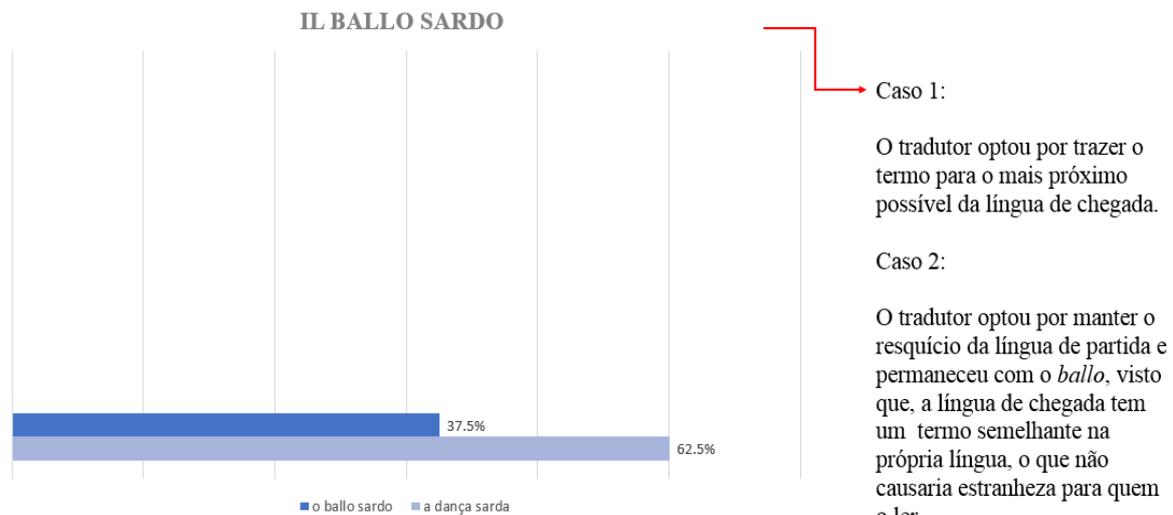
O texto fonte trata da dança sarda, modelo artístico e singular da cultura da Sardenha; é notável o apelo pela permanência do significado original, que constitui todo um povo.

Ainda apontamos uma possível distinção entre *ballare* e *danzare* juntamente com seus similares no decorrer do texto. O texto de partida apresenta o que parece ser uma diferença de sentidos entre as duas palavras, que em um

primeiro momento poderiam parecer sinônimas. Portanto, o tradutor teria que fazer a negociação entre manter os termos originais ou traduzi-los para a língua de chegada, adotando-os como palavras sinônimas ao traduzir *il ballo sardo* como *a dança sarda* (mudando o artigo, masculino na língua de partida, concordando com o substantivo *ballo*, para o artigo feminino *a* concordando com o substantivo feminino *dança*).

Devemos entender baile como rito, uma manifestação antropológica de uma prática costumeira. O rito é um tipo de ação social na qual existe a marca de significação cultural para propósitos de comunicação e categorização coletiva e individual.

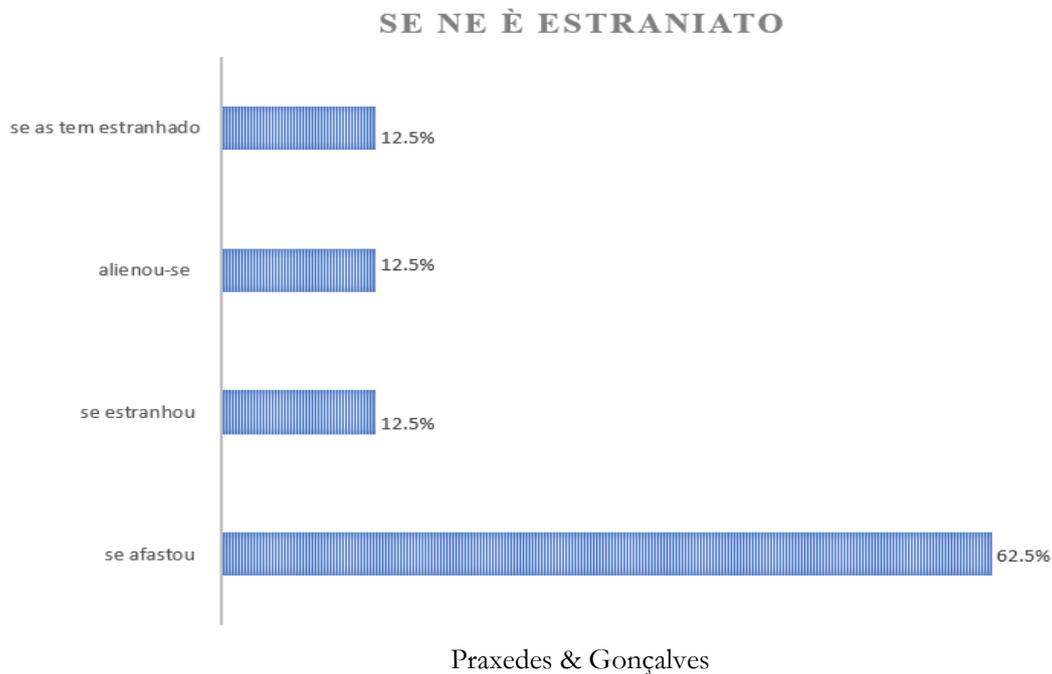
Gráfico 2



Praxedes & Gonçalves

Constatamos como ponto crítico a omissão do “ne” e “lo” italianos, o que poderia ser classificado como uma “*svista*” Eco (2003), i. é; perdas do tradutor brasileiro, como marca de interferência dos hábitos e fatos da língua de chegada, em um processo de domesticação nem sempre necessário.

Gráfico 3

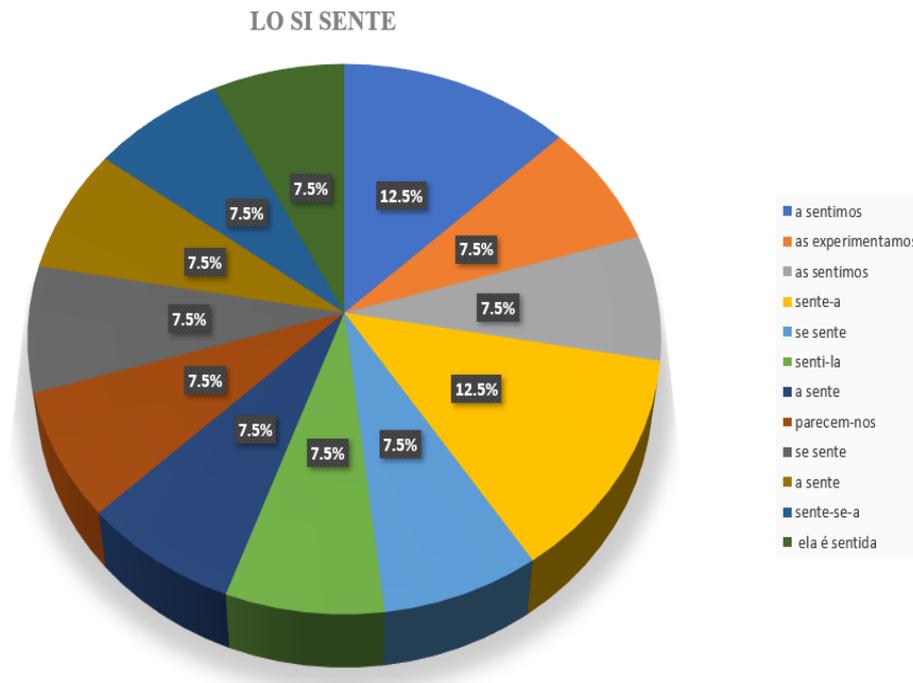


Ao longo da pesquisa, chegamos a identificar outros casos que nos chamaram a atenção. Verificamos que era corrente a dificuldade em relação ao uso pronominal, como o caso *lo/ci*, onde notamos um número maior de diferenças entre as escolhas de cada tradutor.

Grande parte dos pronomes realizam primeiramente a sua significação por ocorrência dentro de uma dada língua; ou seja; ao se traduzir um texto, o tradutor coloca duas línguas em contato e em tensão, e é passível de realizar transferências entre elas, principalmente se não tiver tempo para realizar uma pesquisa para melhor compreender em que âmbito sociocultural uma palavra ou termo se realiza dentro de um contexto, o qual nos permite recuperar a referência exata daquilo que está sendo colocado por meio dos pronomes, cuja função dêitica se realiza no ato da comunicação. Há duas ocorrências de *lo si sente* e *lo si noti* em todo o texto. Devemos ter em mente que em italiano a posição do pronome direto é em geral antes do verbo, e ainda que a posição do pronome

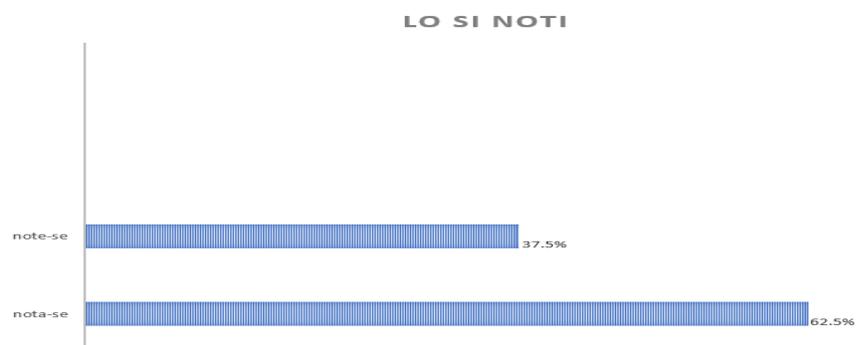
pode mudar se existem na frase dois verbos, embora o sentido da mesma não mude.

Gráfico 4



Praxedes & Gonçalves

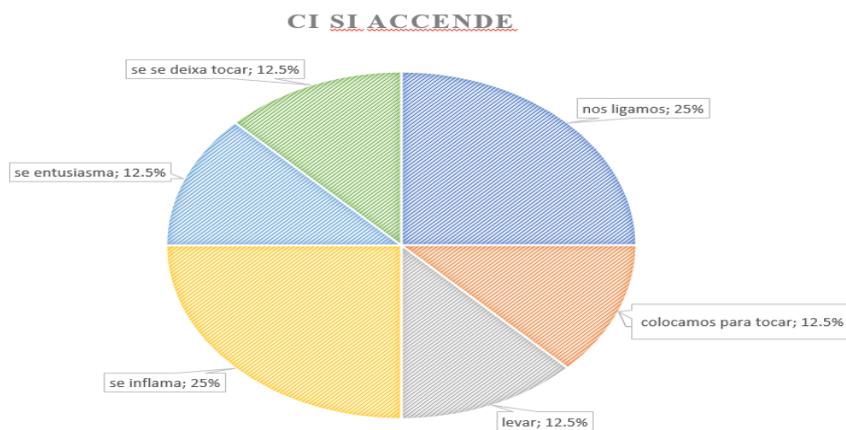
Gráfico 5



Praxedes & Gonçalves

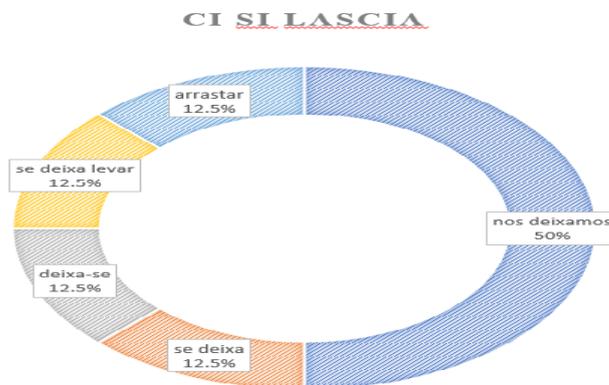
O caso do *ci* foi um achado da pesquisa – esperávamos somente a omissão do *ne* e *lo* italianos, o que poderia ser classificado, novamente, como uma “*svista*” Eco (2003), podendo também ocorrer quando não queremos repetir o nome de um lugar já mencionado, substituindo *aqui*, *ali*, *neste* ou *aquele lugar*. Pode ainda ser utilizado como pronome reflexivo, que se refere ao fato de que a ação recai sobre o próprio sujeito da frase.

Gráfico 6



Praxedes & Gonçalves

Gráfico 7



Praxedes & Gonçalves

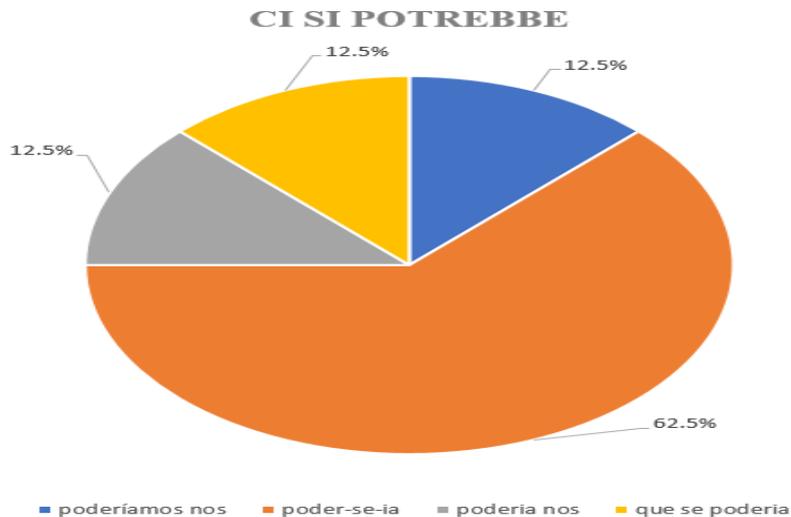


Gráfico 8 (Praxedes & Gonçalves)

É notável a omissão do *ne, lo e ci* italianos, o que poderia ser classificado como uma *svista* – um deixar passar – do tradutor brasileiro, como marca de interferência dos hábitos e fatos da língua de chegada, novamente em um processo de domesticação nem sempre necessário.

A tradução é uma atividade produtora de sentidos; é um trabalho tão complexo como o do escritor de textos originais. Notamos a grande responsabilidade do tradutor perante o texto que traduz e perante o público para quem traduz, pois cada tradução exige do tradutor a capacidade de confrontar áreas específicas de duas línguas e duas culturas diferentes, e esse confronto é sempre único, já que suas variáveis não são sempre previsíveis e seus sentidos e significações diversos.

## Referências

AZEREDO, J.C. de. *Fundamentos de gramática do português*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BARBOSA, Maria Aparecida. Conceptualização e estruturação semântica lexical: relações. *Língua e Literatura*. n. 26, 2000, 44-69.  
<https://doi.org/10.11606/issn.2594-5963.lilit.2000.105404>

BOENTE, Alfredo; BRAGA, Glaucia. *Metodologia científica contemporânea para universitários e pesquisadores*. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

ECO, Umberto. *A busca da língua perfeita na cultura europeia*. Bauru: EDUSC, 2001.

\_\_\_\_\_. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. São Paulo: Record, 2007, 458 pp. Tradução de Eliana Aguiar.

\_\_\_\_\_. *Dire quasi la stessa cosa – esperienze di traduzione*. Milano: Bompiani, 2003.

FRANCISCO, Reginaldo. Estrangeirização e domesticação: indo além de mais uma dicotomia. *Scientia traductinis*, n. 16, p. 91-100. Florianópolis: UFSC, 2016. <https://doi.org/10.5007/1980-4237.2014n16p91>

Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/> Acesso em 17/02/2022

GREIMAS, A. J. & COURTÈS. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1989.

GREIMAS, A. J. *Sémiotique e sciences sociales*. Paris: Éditions du Seuil, 1976b.

\_\_\_\_\_. *Sémiotica e scienze sociali*. Torino: Centro Scientifico Editore, 1991.

\_\_\_\_\_. *Du sens II – Essais sémiotiques*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.

\_\_\_\_\_. *Del senso 2 Narrativa, modalità, passioni*. Milano: Bompiani, 1998.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1987.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LOTMAN, I. *La semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto*. Selección y traducción del ruso de Desiderio Navarro. Madrid: Cátedra, 1996.

LOTMAN, J. M. *Texto e contesto*. Semiotica dell'arte e dela cultura. Roma-Bari: Laterza, 1980.

LOTMAN, J. M. & Uspenskij, B. A. *Tipologia della cultura*. Milano: Bompiani, 1975.

MACHADO, Irene. *Escola de Semiótica a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura*. São Paulo: Ateliê-Editorial, 2003.

PAIS, Cidmar Teodoro. *Elementos para uma tipologia dos sistemas semióticos*. Revista Brasileira de Linguística, v. 6. São Paulo, Duas Cidades, 1982, p. 45-60.

PAIS, Cidmar. Do processo de conceptualização, da produção lexical e da produtividade discursiva. *Filologia/Anais*. 2004.  
[http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ10\\_41-58.html](http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ10_41-58.html)

\_\_\_\_\_. Algumas reflexões dos modelos em linguística. *Língua e Literatura*, n. 9. São Paulo: FFLCH, USP, 2008, p. 1-28.

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5963.lilit.1980.115859>

PRAXEDES, Carmem. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – SR-2. Livro de resumos da 29ª Semana de Iniciação Científica da UERJ. Rio de Janeiro: UERJ, 2020, p. 928.

SEDDA, Franciscu. *Tradurre la Tradizione – Sardegna: su ballu, i corpi la cultura*. Roma: Meltemi, 2003.